Prefácio

Miriam C. M. Rabelo

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

RABELO, M.C.M. Prefácio. In: DUCCINI, L. *Diplomas e decá*: identificação religiosa de membros de classe média no candomblé [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 11-14. ISBN 978-85-232-2011-2. <https://doi.org/10.7476/9788523220112.0001>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Prefácio

Algumas pessoas tendem a confundir o valor que grupos religiosos dão a sua tradição ou origem com imobilidade e ausência de mudança. Produzem, então, uma narrativa que tem ao menos dois grandes defeitos. Torna invisíveis os esforços e investimentos implicados na defesa de qualquer tradição — esforços que, envolvendo reapropriação e retomada da tradição, nunca resultam na repetição do mesmo. E torna invisível a diversidade interna que anima qualquer religião, na medida em que ela se expande e responde a novas inquietações, novos problemas e novos desafios.

Religião de matriz africana que coloca forte peso na tradição, o candomblé foi, por muito tempo, abordado pelos estudiosos a partir de uma narrativa deste tipo. Uma breve incursão histórica mostra-nos um quadro diferente: ao longo de sua existência o candomblé consolidou um modo próprio de lidar com o sagrado, mas também muitas variações neste modo compartilhado e viu transformar-se o contexto em que atua e busca reconhecimento. Como não poderia deixar de ser, respondeu ativamente (e de acordo com seu próprio dinamismo interno) a reconfigurações na sociedade a

sua volta. De religião fortemente perseguida ganhou espaço nos discursos oficiais sobre a identidade e cultura nacionais e galgou a posição de ator que, se ainda é vítima de forte preconceito e intolerância, dificilmente pode ter sua voz ignorada no espaço público. De religião cultuada por africanos e seus descendentes no Brasil e, em larga medida, restrita aos segmentos mais pobres da população, hoje conta também com muitos adeptos brancos e atrai gente de diferentes camadas sociais. Segundo Reginaldo Prandi tornou-se religião universal, aberta para todos.

Luciana Duccini interessou-se pela mudança no perfil dos seguidores do candomblé, mais particularmente pela participação de indivíduos de camadas médias nos terreiros de Salvador. É essa participação que ela aborda aqui. As pessoas que integraram o universo de sua pesquisa eram, em grande maioria, profissionais com formação universitária, habitantes de bairros privilegiados da cidade, cujo contato com o candomblé deu-se na idade adulta (ou final da adolescência) e representou uma ruptura com a trajetória religiosa de seus pais. O ingresso destes indivíduos em uma religião de forte valorização da ancestralidade africana desperta, sem dúvida, um conjunto de questões importantes. Como vieram a se identificar com o candomblé? Que experiências, expectativas e motivações os conduziram a esta religião? Que impacto tem o candomblé em suas vidas? Como se deu ou se dá seu aprendizado da religião e como se apropriam de seu complexo universo mítico e ritual?

Luciana costura estas questões de maneira bastante original e ao fazê-lo contribui de modo importante para renovar o campo de estudos do candomblé. Por um lado, situa-se com segurança na clássica tradição da sociologia da religião weberiana. Explora a relação entre religião e classe social recusando tanto visões reducionistas que tomam a religião como um reflexo de interesses de classe, quanto abordagens que postulam uma quase total autonomia do religioso. Ambas as posições esquecem que, se uma religião precisa responder aos anseios de seus seguidores (razão pela qual vem a ser marcada

pelos interesses das camadas que a ela aderem), na medida em que delineia um quadro de experiência, também afeta e em alguns casos transforma de modo bastante radical a orientação subjetiva dos seus adeptos. Para Weber, o quanto uma religião logra reorientar a conduta dos fieis e atender aos seus interesses é uma questão empírica que não pode ser respondida em termos gerais: exige investigação. Luciana segue à risca essa diretiva.

Mas se o livro retoma temas clássicos da sociologia e antropologia da religião, também logra reatualizar de maneira criativa esses temas. Nas mãos de Luciana, a análise da relação entre religião e classe social se transforma em um estudo detalhado dos processos de identificação e aprendizado pelos quais indivíduos de classe média de Salvador passam a incorporar o candomblé em suas vidas e a terem nos terreiros a vivência de um mundo para o qual sua experiência de classe pouco lhes preparou. Entender esses processos, argumenta Luciana, requer atenção tanto a sua temporalidade quanto a sua dimensão corporificada: falar de ingresso em uma religião é uma maneira econômica de descrever um percurso que se estende no tempo, que frequentemente desafia esquemas corporais sedimentados e envolve uma reorganização destes esquemas.

Para tratar de uma experiência religiosa em curso, que não se faz sem ambiguidade, Luciana optou pela etnografia. Seu livro é resultado de uma etnografia fina, construída com a sensibilidade e cuidado de uma pesquisadora cujo fascínio pelo mundo empírico evita que a teoria atue preguiçosamente como seu substituto e cujo respeito pelos seus interlocutores alimenta o compromisso de apresentar bem a sua experiência, de falar dela com a cautela de quem sabe que é grande o risco de deixá-la escapar pelo recurso a formulações genéricas. Com a etnografia de Luciana aprendemos que se a experiência de indivíduos de classe média no candomblé de Salvador é feita de narrativas biográficas complexas, de interpretações intelectualizadas da mitologia, de encontros inesperados com os orixás, também se tece com os gestos tentativos pelos quais enfrentam as tarefas cotidianas do

terreiro e os pequenos e repetidos esforços pelos quais tentam vencer sua falta de habilidade prática. Aprendemos que o candomblé está longe de ser uma religião parada no tempo — se refaz na experiência mesma de seus muitos e diversos seguidores e nas diferentes possibilidades que oferece para o desenrolar desta experiência. Ninguém como Luciana Duccini para nos guiar nesses percursos cruzados da religião e de seus adeptos.

Miriam C. M. Rabelo

Prof.^a, dr.^a, do Departamento de Sociologia e Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Corporalidades, Sociabilidades e Ambientes da Universidade Federal da Bahia (ECSAS).